



A NOTÁVEL MOBILIDADE DOS [Ijxa]KARITIANA - (SÉCULO XVIII, XIX E XX) - DA LIBERDADE EDÊNICA PARA O CONFINAMENTO E SEDENTARISMO IMPOSITIVO DA FUNAI

Valdir Vegini¹

Rebecca LouizeVegini²

RESUMO: O objeto deste artigo é a “notável mobilidade resistencial” do povo [Ijxa]Karitiana no decorrer dos séculos XVIII, XIX e XX e o objetivo é demonstrar que, na realidade, essa mobilidade é tão somente uma estratégia de RESISTÊNCIA ao poder dominador dos brancos (*sic*), que lhes causam terror, extermínio, semi-escravidão e sofrimento. A metodologia empregada para a elaboração do trabalho consistiu, em sua essência, na pesquisa exploratória, na pesquisa descritiva e na pesquisa explicativa e, por se tratar de material já elaborado encontrado em livros, relatórios, dissertação de mestrado e artigos científicos, utilizamos também da pesquisa bibliográfica e, *ipso facto*, da pesquisa documental. Ao final da pesquisa, os autores concluíram que os [Ijxa]Karitiana, salvos do extermínio total por suas próprias forças, são vencidos pela ganância e pelo poder (das armas de fogo, inclusive) do homem branco (*sic*), submetidos à migração forçada pelo Estado brasileiro para longe de sua terra tradicional onde, em poucos anos, constatam carência de proteína aquática e silvestre além da enorme melancolia resultante da perda da proto-pátria. Eternamente inconformados, sonham em reaver o território de onde foram arrancados sem dó nem piedade, onde havia fartura de alimentos e vida confortável.

Palavras-chave: cultura, indígena, história, tradição, memória.

THE REMARKABLE MOBILITY OF THE [Ijxa]KARITIANA (18TH, 19TH AND 20TH CENTURY) -FROM EDENIC FREEDOM TO FUNAI'S MANDATORY CONFINEMENT AND SEDENTARY LIFESTYLE

ABSTRACT: The object of this article is the “remarkable resistance mobility” of the [Ijxa]Karitiana people throughout the 18th, 19th and 20th centuries and the objective is to demonstrate that, in reality, this mobility is only a strategy of RESISTANCE to the dominating power of whites (*sic*), which cause them terror, extermination, semi-slavery and suffering. The methodology used to prepare the work consisted, in essence, of exploratory research, descriptive research and explanatory research and, as it is already prepared material found in books, reports, master's thesis and scientific articles, we also used the bibliographical research and, *ipso facto*, documental research. At the end of the research, the authors concluded that the [Ijxa]Karitiana,

¹Pós-Doutor em Narratologia (USP) e Doutor em Letras/Linguística, área de concentração Fonética e Fonologia com especialidade em Línguas Indígenas (UFSC). Docente do Departamento Acadêmico de Línguas Vernáculas/DALV da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). É líder do Grupo de Pesquisa “Narrativas do Linguajar Rondoniense” (UNIR); e-mail: vvegini@gmail.com

²Mestra em Letras pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Professora na da Maple Bear Canadian School e no Colégio e Faculdade Sapiens; e-mail: rebeccaamor@gmail.com



saved from total extermination by their own forces, are defeated by the greed and power (including firearms) of the white man (*sic*), subjected to forced migration by the Brazilian State away from their traditional land where, in a few years, they find a lack of aquatic and wild protein, in addition to the enormous melancholy resulting from the loss of the proto-homeland. Eternally dissatisfied, they dream of reclaiming the territory from which they were uprooted without pity or pity, where there was plenty of food and a comfortable life.

Keywords: culture, indigenous, history, tradition, memory.

INTRODUÇÃO

O objeto deste artigo é a “notável mobilidade resistencial” do povo [*Ijxa*]Karitiana no decorrer dos séculos XVIII, XIX e XX³ e o objetivo é demonstrar que, na realidade, essa mobilidade é tão somente uma estratégia de RESISTÊNCIA ao poder dominador dos brancos (*sic*), que lhes causam terror, extermínio, semi-escravidão e sofrimento. Com base em nossos objetivos, a metodologia empregada para a elaboração do trabalho consistiu, em sua essência, na pesquisa exploratória (GIL, 1996, p. 45-6), na pesquisa descritiva (GIL, 1996, p. 46) e na pesquisa explicativa (GIL, 1996, p. 46-7) e, por se tratar de material já elaborado encontrado em livros, relatórios, dissertação de mestrado e artigos científicos, utilizamos também da pesquisa bibliográfica (GIL, 1996, p. 48-51) e, *ipso facto*, da pesquisa documental (GIL, 1996, p. 51-53). Ao final da pesquisa, concluímos que os [*Ijxa*]Karitiana, salvos do extermínio total por suas próprias forças, são vencidos pela ganância e pelo poder (das armas de fogo, inclusive) do homem branco (*sic*), submetidos à migração forçada pelo Estado brasileiro para longe de sua terra tradicional onde, em poucos anos, constata-se carência de proteína aquática e silvestre além da enorme melancolia resultante da perda da proto-pátria. Eternamente inconformados, sonham em reaver o território de onde foram arrancados sem dó nem piedade, onde havia fartura de alimentos e vida confortável.

³Este objeto de estudo está ancorado, em grande parte, no livro “A Saga do Povo [*Ijxa*]Karitiana” enviado para a Editora Temática para editoração e publicação ainda este ano e ambos são consequências de subprojetos do Projeto e Grupo de Pesquisa Narrativas do Linguajar Rondoniense (NLR), atualmente constituído pelos seguintes membros: Prof. Dr. Valdir Vegini (Pesquisador/Coordenador e líder do Grupo NLR/UNIR); MSc. Rebecca Louize Vegini (Pesquisadora/Vice-coordenadora e vice-líder do Grupo, professora da *Maple Bear Canadian School*/RO); pelos pesquisadores voluntários, alunos da disciplina Narratologia Amazônica do Mestrado em Letras: Maurício Neves Santos (orientando), Lucineide Souza de Moraes Ribeiro (orientanda, Sâmela Fernandes da Costa (orientanda), Antonio Ramiro de Mattos (orientando), Renata Candido de Moura Fé (orientanda) e Yap Mete Verônica Oron Mon (orientanda, indígena da família linguística Txapakúra).

PROLETÔMENOS

No *século XVII*, os povos indígenas *lato sensu* do atual Estado de Rondônia, localizado na região Norte tendo como limites os Estados do Mato Grosso (a Leste), Amazonas (ao Norte), Acre (a Oeste) e a República da Bolívia (a Oeste e Sul) vivem, em sua grande maioria, ainda em pleno período pré-agrário, ou seja, sua subsistência consiste na caça e na pesca, na coleta de drogas da floresta e de uma agricultura elementar. Naquela ocasião, os indígenas amazônidas não faziam ideia ainda de que um povo europeu de *cara pálida* há cerca de dois séculos já se dizia dono de todas as terras do Brasil, inclusive as da Amazônia brasileira e, portanto também, as de todo o solo sagrado dos indígenas rondonienses, entre os quais o dos [Ijxa]Karitiana. Os primeiros contatos com algumas etnias indígenas rondonienses ocorreram de forma muito esporádica *ainda no final do século XVII* e início do *século XVIII com a chegada dos missionários jesuítas, época em que o Brasil ainda era uma colônia de Portugal*. (MEIRELES ([1983] 1984, p. 108, 122; GALBINI, 1993, p. 30-1; VELDEN, F. F. V., [2003] 2004, p. 14; ISA/INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL./Wikipédia, 2005-2018, p. 17; LINHARES, M. Y. (org.), 1990, p. 117). *A Igreja, através das missões religiosas jesuíticas, desempenhou um papel fundamental uma vez que, precedendo a entrada do colonizador, visava a catequese (sic) dos índios (sic)*. Essas missões são estabelecidas no Madeira, entre os indígenas Tupinambarana, Uruí, Abacaxis, Santo Antonio das Cachoeiras, Sapucaiaoroca e outras mais. Em 1728, os jesuítas João Sampaio e Manoel Fernandes fundam a primeira missão religiosa para catequese (sic) dos índios (sic), no atual território de Rondônia, na margem direita do rio Madeira. É assim que os indígenas começam a ter seu processo de aproximação com a sociedade dominante e dominadora européia ocidental por meio dos missionários católicos jesuítas vindos para cá entre 1722 e 1728. (TEIXEIRA & FONSECA, [2001] 2002, p. v e vi). No século XVIII, missionários dessa mesma ordem religiosa vão se embrenhando cada vez mais nas matas de toda a região amazônica e alcançam lugares cada vez mais remotos. (BACELAR, s/d., p. 1). Com isso, as regiões do rio Madeira e do Guaporé começam a ficar desassistidas não somente do ponto de vista religioso como também cívico. Diante dessa realidade, o Senado da Câmara de Mato Grosso requer à Coroa Portuguesa o envio de mais missionários portugueses para a região a fim de estabelecer uma contra ofensiva aos planos dos jesuítas espanhóis de, aos poucos, irem se retirando do Madeira. Dessa forma, em 1751 são enviados, juntamente com D. Rolim de Moura, dois sacerdotes inacianos,

Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.14, n. 4, p. 6-20, 2021

ficando o padre Estevão de Castro, em Santo Antônio do Madeira e outro se dirigindo para o Guaporé, com o Capitão-General. (HISTÓRIA DE RONDÔNIA/Wikipédia) Mas a resposta radical de Portugal vem oito anos depois, mais precisamente em 1759. *Sob orientação do Secretário de Estado dos Negócios Interiores do Reino, o futuro Marquês de Pombal, D. José I, rei de Portugal, obriga todos os jesuítas se retirarem das terras brasileiras.* (LINHARES, M. Y. (org.), 1990, p. 115-119; EXPULSÃO DOS JESUÍTAS./Wikipédia). A perseguição é de cunho político-estratégico e, portanto, os caucheiros e seringueiros, bem vistos pela coroa portuguesa, consideram uma bênção divina a retirada dos jesuítas e *chegam ainda em maior número.* E, agora, livres da vigilância dos religiosos, atribuem-se-lhes o direito de caçar os indígenas de todas as etnias para transformá-los em escravos ou, eufemisticamente, em semi-escrachos, uma astúcia perspicaz de obter mão de obra barata. Não resta dúvida de que em terras amazônicas rondonienses continuava vigente durante boa parte dos três séculos, que precederam o atual, um dos axiomas da *lei romana: Os escravos são homens, mas não pessoas* ou *todos os homens são livres* [porque são homens e pessoas]; *não*, porém, *os escravos.* [porque são somente homens].(TODOS OS HOMENS SÃO LIVRES OU ESCRAVOS./Wikipédia). A partir da ausência de censura religiosa, os seringalistas e seus comandados se veem livres de qualquer remorso para praticar toda espécie de crueldade contra os indígenas. De posse de armas brancas e de fogo, mantêm os nativos submissos e silenciados; caso contrário, eliminados.

PRIMEIROS CONTATOS E RESISTÊNCIA

No final do século XVIII, os [Ijxa]Karitiana estabelecem seus primeiros contatos com os não-índios (*sic*) com a chegada maciça de ainda mais seringueiros ou caucheiros, que coincide, fortuitamente ou não, com o início do desaparecimento de grande número de agrupamentos indígenas, contrariando a visão etnocêntrica do branco, (*sic*) de que *a colonização na Amazônia ocorre em área de grande vazío demográfico.* (MEIRELES. [1983] 1984, p. 108, 122; GALBINI, 1993, p. 30-1; VELDEN, F. F. V., [2003] 2004, p. 14; ISA/INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL./Wikipédia, 2005-2018, p. 17), essa ideia implica em uma negativa histórica uma vez que a região – sobretudo a do atual Estado de Rondônia – é, na época, *habitada por inúmeros grupos tribais, alguns deles com tão notável contingente populacional, que registram uma média de*

Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.14, n. 4, p. 6-20, 2021

30 a 40 mil pessoas, em pleno século XIX. O desaparecimento, tão remoto, de vários grupos, vem, em certa medida, desmistificar a ideia de que a região é uma área isolada. (MEIRELES. [1983] 1984, p. 108, 122). Por outro lado, constatamos que a ocupação se processa de forma extensiva e, guardando certo grau de intensidade, durante o período colonial [entre os séculos XVI e início do século XIX. São quatro, segundo Meireles ([1983] 1984, p. 122), os determinantes que impulsionam o povoamento: a caça ao índio; a procura do ouro; a questão geopolítica e a coleta das drogas do sertão. É esse quarteto estratégico, que articula a penetração do colonizador de uma forma contínua e comporta diferentes agentes sociais através das organizações eclesiásticas e laicas que dispõem largamente da mão-de-obra indígena. A disputa não se explica somente pelo aspecto econômico, mas, sobretudo, pela conotação política que tem a conquista do gentio nas áreas fronteiriças das duas Américas [espanhola e lusitana] e que configura em uma situação singular na raia ocidental, com roubos de pessoas, contrabando e acordos fraudulentos envolvendo populações indígenas. Para a maioria dos leigos e preconceituosos, os indígenas são sempre vistos como frágeis, submissos, preguiçosos e por aí vai. No entanto, a leitura atenta dos fatos históricos da colonização do rio Madeira, dentro dos limites do atual Estado de Rondônia, reporta-nos a mais que prováveis confrontos (RESISTÊNCIA) entre seringueiros e grupos indígenas entre os quais os [Ijxa]Karitiana segunda metade do século XIX, com a submissão de parte do grupo aos seringais. (MEIRELES. [1983] 1984, p. 122). Sem as armas brancas e de fogo, que os brancos (sic) ostentam abundantemente, os indígenas RESISTEM o que podem, mas diante de tecnologia bélica exacerbadamente superior, acabam se submetendo ou sucumbindo diante dos seringueiros. (LEÃO et. al. [2003] 2004, p. 55). Nessas alturas, o Brasil, liberto de Pombal já nos idos anos de 1777 (LINHARES, M. Y. et al., [1990] 2000, p. 114-128; PERÍODO POMBALINO./InfoEscola), quando seu poder se lhe esvai pelas mãos, já é um Estado Independente (1822) e no final desse mesmo século, uma República (1889). (LINHARES, M. Y. et al., [1990] 2000, p. 124-126; 129-143; 144-187; 188-245; 246-299). No início do século XX, os [Ijxa]Karitiana são alcançados novamente por caucheiros e seringueiros, que dizimam parte do seu grupo enquanto os remanescentes são mantidos sob regime servil de exploração durante muitos anos. (MEIRELES. [1983] 1984, p. 108). O avanço do extermínio dos [Ijxa]Karitiana tem, contudo, outras razões, entre as quais se sobressai a questão de seus sistemas imunológicos. (DICIONÁRIO eletrônico HOUÏSS, [2001] 2009) Desprovidos de

anticorpos para neutralizar doenças relativamente simples, como a gripe trazida pelos religiosos, colonizadores, caucheiros, seringueiros e seringalistas, eles perdem rapidamente suas forças e entram em óbito generalizado. Por isso, entre todas as maldades praticadas pelos adventícios, algumas já descritas acima, essas são as únicas, que não se lhes pode imputar perversidade. O fato é que, ao contrário dos brancos (*sic*), protegidos naturalmente pela imunidade adquirida no passado na Europa, nos indígenas, os micro-organismos ou outras moléstias transmitidos pelos brancos (*sic*) encontram um locus fértil e desprovido de defesas naturais. As consequências biológicas são, em sua maioria, devastadoras, que somadas às crueldades físicas, causam depressão demográfica profunda em todos os quadrantes da região rondoniense até então densamente povoada por centenas de etnias indígenas diferentes, inclusive a dos [Ijxa]Karitiana. Enfim, as crueldades praticadas pelos brancos (*sic*) contra os indígenas, em geral, e contra os [Ijxa]Karitiana, em particular, são de toda ordem e incontáveis: raptos, acordos fraudulentos, trabalhos e migrações forçados, semi-escravaturas, maus tratos, assassinatos, que ocorrem amiúde, execuções sem dó nem piedade, além, é claro, das doenças infecto-contagiosas de todos os gêneros. No transcorrer do século XX até quase no final da década de 60, possivelmente pressionados pelas frentes de penetração dos seringueiros, caucheiros, colonizadores e aventureiros, os indígenas [Ijxa]Karitiana apresentam constante mudanças em suas instalações na mata. No início do século XX, mais precisamente em 1909, chega às cercanias do atual município de Jaci-Parná a Comissão ou a Expedição Rondon para concluir a Linha Telegráfica Cuiabá-Santo Antônio/RO, um empreendimento chefiado pelo Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, que mais tarde vai emprestar seu nome para designar o gentílico do Estado de Rondônia. (LINHA TELEGRÁFICA CUIABÁ-SANTO ANTÔNIO./Wikipédia). É nessa ocasião que, pela primeira vez, há referência documentada a respeito da presença do grupo [Ijxa]Karitiana em território rondoniense - com nuances claros de RESISTÊNCIA por parte dos indígenas. Os [Ijxa]Karitiana são vistos pela primeira vez pelos membros da Expedição de Rondon nas imediações do rio Jaci-Paraná na extração da borracha, ocasião em que ocorre um primeiro ataque (ou RESISTÊNCIA?) dos índios (*sic*) Caritianas (*sic*)/[Ijxa]Karitiana contra a canoa de retaguarda do grupo que leva a expedição rio acima (LEÃO *et. al.* [2003], 2004, p. 55-6; VELDEN, F. F. V., [2003] 2004, p. 14-33; ISA/INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL./Wikipédia, 2005-2018, p. 2); o segundo ocorre no ano seguinte, ou seja, em 1910 e é descrito pelo próprio Marechal Rondon, com anotações de Kurt

Nimuendaju no seu Mapa Etno-histórico. (VIVEIROS, E. 1969, p. 301-2; LEÃO *et. al.* [2003] 2004, p. 55-7; VELDEN, F. F. V., [2003] 2004, p. 33; ISA/INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL./Wikipédia, 2005-2018, p. 2). *Os Caritiana (sic)/[Ijxa]Karitiana*, segundo Rondon, *estão nas imediações do médio rio Jaci-Paraná.* Como podemos constatar, as informações sobre os *[Ijxa]Karitiana* são muito escassas e *muito pouco se sabe* do sofrimento, das discórdias, da RESISTÊNCIA e da tragédia mesmo, que se abate sobre esse e outros povos nativos durante a invasão dos brancos (sic) disfarçada de catequese, de busca de drogas do sertão, de extração de látex, de construção de linha telegráfica e de estrada de ferro (EFMM) etc. na Amazônia rondoniense. Ainda que informações reduzidas, são, no entanto, suficientes para poder dimensioná-las. O evento ocorrido em 1909 precisa, pois, ser lembrado para colocar os fatos no seu devido lugar. O próprio líder expedicionário escreve assim acerca da morte de dois membros da Expedição pelos *[Ijxa]Karitiana*: *a exploração do rio Jacy-Paraná não pode ser concluída, pois a expedição foi atacada (?) pelos Caritianas (sic)/[Ijxa]Karitiana. Houve, infelizmente, a morte de dois homens a lamentar, um de beribéri e outro de desastre por ataque (?) dos índios (sic) Caritianas (sic)/[Ijxa]Karitiana contra a canoa de retaguarda do grupo que leva a expedição rio acima. Estão os Caritianas (sic)/[Ijxa]Karitiana em convívio na extração de borracha, isto é, em regime de semi-escravaturas. Infelizmente, registra Kurt Nimuendaju (reproduzindo a fala de Rondon), são todos os negócios entre índios (sic) e civilizados (sic) feitos à maneira de caçada, os civilizados (sic) sempre no papel de leão. Daí resultam conflitos, vinganças, mortandades, dos quais, em geral, só nos chegam já desfigurados, truncados em suas partes essenciais de modo a nos dar impressão da selvageria (sic) (?) dos indígenas.* (VIVEIROS, 1969, p. 301-2; LEÃO *et. al.* [2003], 2004, p. 55-7; VELDEN, F. F. V., [2003] 2004, p. 33). As três últimas linhas do relato do Marechal atenuam parcialmente sua omissão em não mencionar as mais do que prováveis mortes de indígenas ocorridas durante essa contenda ou RESISTÊNCIA. Inacreditável, porém, é o sertanista, de tantos méritos, *atribuir aos indígenas a morte de dois homens, um por beribéri e outro por desastre!* Como podem os *[Ijxa]Karitiana* causar a morte de alguém por *polineurite (carência de vitamina B₁[tiamina])* (DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAÏSS, [2001] 2009) ocorrida com um dos homens que trabalha nas linhas telegráficas? É lamentável que o *Marechal*, decantado como defensor dos indígenas, não perceba (ou não queira perceber) que, se um homem, sob seu comando, morre de *beribéri* (falta de vitamina B1 no organismo) e o outro de desastre (acidente, sinistro), a

causa primeira não pode vir dos indígenas. O caso do *beribéri*, muito provavelmente é o único na história da medicina, que tenha levado à morte um branco (*sic*) por culpa de um grupo indígena que sequer sabe do que se trata essa enfermidade. (DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS, [2001] 2009). Depois de 1910, não encontramos mais informações documentadas acerca de *contatos* entre os [Ijxa]Karitiana e brancos (*sic*) até o segundo quartel do século XX. Por volta dos anos 20 ou 30, a etnia [Ijxa]Karitiana apresenta, como já mencionamos, um quadro demográfico extremamente preocupante pelos consideráveis óbitos já descritos. *De fato, de acordo com narrativas históricas, os [Ijxa]Karitiana experimentam um brutal declínio populacional após o contato com os brancos (sic).* (VELDEN, F. F. V., [2003] 2004, p. 33). A bem da verdade, os indígenas em geral e os [Ijxa]Karitiana, em particular, são vistos pelos brancos (*sic*), conforme já lembramos, como *homens, mas não como pessoas* (axioma vindo de uma lei do Império romano) e, com base nisso, são literalmente caçados nas matas para o trabalho (semi)/escravo. Vítimas de maus tratos por parte dos seringalistas, caucheiros e seringueiros, são forçados a trabalho intenso a que não estão acostumados e, muitos deles, exauridos em suas forças, vão a óbito; outros, por demonstrar alguma RESISTÊNCIA ou tentar fugir, são eliminados pelos *rifles dos homens da borracha*. (HUGO, V., [1959] 1991, v. II, p. 203) Mas, mesmo assim, a mobilidade resistencial do povo [Ijxa]Karitiana prossegue e ganha nova e surpreendente capacidade.

ESTRATÉGIA DE RE-EXISTÊNCIA

Observando a espantosa diminuição de sua gente, Antônio Moraes, líder e/ou cacique da etnia [Ijxa]Karitiana, toma audaciosa decisão em busca da recuperação demográfica de seu povo. E é assim que, além da incansável RESISTÊNCIA à perversidade dos brancos (*sic*), o hábil e visionário chefe dos [Ijxa]Karitiana lança mão de audaciosa estratégia de RE-EXISTÊNCIA para evitar a completa extinção de seu grupo étnico: *primeiramente*, Antônio Moraes, libertando-se de todo e qualquer escrúpulo ou pudor, *desposa várias mulheres [Ijxa]Karitiana* (sete, nove ou dez, *no mínimo, segundo relatos com diferentes versões*), *inclusive algumas delas, em princípio, interditas pelas regras matrimoniais. Essas uniões poligâmicas geram muitos filhos, especialmente mulheres* (VELDEN, F. F. V., [2003] 2004, p. 36) e é essa *ousadia do cacique [Ijxa]Karitiana, que*

*mantém seu povo vivo através de vários casamentos incestuosos. Hoje, de acordo com estudos da Universidade Federal do Pará, com o material genético dos índios, 95% dos [Ijxa]Karitiana descendem do antigo chefe. (JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro/RJ, 01/09/1996; PIB: RONDÔNIA. Wikipédia). Em outros termos, esse evento acaba por gerar uma população densamente relacionada do ponto de vista genealógico e também genético. Um estudo da mesma Universidade, em 1991, demonstra que o coeficiente de consanguinidade médio dos [Ijxa]Karitiana – que mede o grau de parentesco genético de uma população - é de 0,142(entre primos de primeiro grau este valor é de 0,125). Todos os [Ijxa]Karitiana menores de 16 anos, ainda segundo a pesquisa, descendem do chefe Moraes, muitas vezes por diferentes vias genealógicas. Essas uniões poligâmicas geram muitos filhos, especialmente mulheres.(VELDEN, F. F. V., [2003] 2004, p. 36-7) Em 1927, um mapa localiza os [Ijxa]Karitiana na margem esquerda do médio e baixo rio CANDEIAS, entre esse rio e o Jaci-Paraná. (BARBOZA, 1927 e por ISA/INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL./Wikipédia, 2005-2018, p. 2)Na realidade, essa movimentação é apenas uma estratégia de RESISTÊNCIA ao contato com os brancos (*sic*), que acontece desde o final do século XIX e, principalmente, no início do século XX e suas seis décadas subsequentes. Em torno dos anos 1930 ou 1940, o grupo liderado pelo chefe [Ijxa]Karitiana Antônio Moraes, como já descrevemos, mantém-se no médio CANDEIAS, trabalhando para um seringueiro em troca de bens industrializados.*

NOTÁVEL MOBILIDADE DOS [IJXA]KARITIANA

Em algum momento, Antonio Moraes, o líder dos [Ijxa]Karitiana da primeira metade do século XX, e seu grupo deixam a região, repudiando [RESISTINDO] o contato com os brancos (*sic*). Dirigem-se, então, para o Oeste, encontrando outro grupo chamado Joari, ocasião em que Antônio Moraes (ANTONIO MORAES./Wikipédia) cede-lhes suas filhas, selando assim, definitivamente, a união entre os dois grupos com tamanha solidez que os Joari passam a autoidentificar-se unicamente como Karitiana a partir desse evento étnico. (ANTONIO MORAES./Wikipédia) sela união com os Joari). Dessa forma, a grave depressão populacional de que os [Ijxa]Karitiana são vítimas é revertida com absoluto sucesso já que o grupo apresenta, nos últimos trinta anos, uma espetacular recuperação demográfica, que chega próximo a crescimento de 60% apenas na última década. *Desconhece-se a*

Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.14, n. 4, p. 6-20, 2021



razão pela qual os Joari preservam como única denominação a dos [Ijxa]Karitiana, mas é provável, a crer nas memórias atuais, que Antônio Moraes (ANTONIO MORAES./Wikipédia) tem se tornado um doador pródigo de mulheres, pois é Moraes (ANTONIO MORAES./Wikipédia) quem busca entre os Joari homens que aceitem desposar suas muitas filhas. Também por conta disso, seu prestígio cresce enormemente entre seus muitos genros, que trouxe para sua órbita; ao mesmo tempo, Moraes (ANTONIO MORAES./Wikipédia) já é um líder conhecido na região à época dos primeiros contatos permanentes com os brancos (sic), peça-chave na mediação entre estes e os [Ijxa]Karitiana. (VELDEN, F. F. V., [2003] 2004, p. 36-7; ISA/INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL./Wikipédia, 2005-2018, p.4-5) Em 1947 e 1948, servidores do SPI apontam os rios **Jamari**, **CANDEIAS** e **Jacy-Paraná**, e seus afluentes como território de ocupação tradicional ou permanente da maioria do grupo [Ijxa]Karitiana. (LEÃO *et. al.* [2003] 2004, p. 54-5; VELDEN, F. F. V., [2003] 2004, p. 15 e 36) Enquanto macro espaço, este se confunde com aquele também ocupado pelos **Arikém** (RODRIGUES, A. D., 1986, p. 42, 46, 96-7) e, em parte, pelos **Karipuna** (KARIPUNA DE RONDÔNIA./Wikipédia) e os **Arara** (ARARA: KARO./Wikipédia), assim denominados pelo SPI quando contatados por servidores desse órgão. Também em 1948, registros da 9ª Inspeção Regional do SPI situam os [Ijxa]Karitiana ligeiramente mais para o Leste dessa área. (VELDEN, F. F. V., [2003] 2004, p. 15; ISA/INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL./Wikipédia, 2005-2018, p. 3) Entre os anos de 1948 (e 1966), documentos do SPI apontam a região do médio rio **CANDEIAS**, rio **Jamari**, e seus afluentes, e rio **Branco** como território [Ijxa]Karitiana. Em meados da década de 50, os [Yjxa]Karitiana permanecem *arredios* (sic) (VELDEN, F. F. V., [2003] 2004, p. 14; ISA/INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL./Wikipédia, 2005-2018, p. 2) a contatos sistemáticos com os brancos (sic), que só se revertem a partir de 1955 com a intervenção do SPI e dos missionários salesianos. (VELDEN, F. F. V., [2003] 2004, p. 14; ISA/INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL./Wikipédia, 2005-2018, p. 2) De 1950 a 1953, ficam os indígenas [Ijxa]Karitiana nas proximidades do médio rio **CANDEIAS** (afluente do rio **Jamari**, que é afluente do **Madeira**), pela margem esquerda, à espera dos missionários salesianos prometidos. Cansados e desistindo, retiram-se pela floresta adentro! *Quantos são, ou melhor, quantos escapam aos rifles dos homens da borracha? Presume-se que hoje (década de 50) não sejam mais de 70!* (HUGO, V., [1959] 1991, v. II, p. 203) É provável que esse desencontro entre os missionários



salesianos e os indígenas [Ijxa]Karitiana ocorre nesse mesmo período (1950 e 1953) porque mais tarde são localizados no médio rio **CANDEIAS**, no que parece ser uma nova movimentação rumo ao Ocidente. (VELDEN, F. F. V., [2003] 2004, p. 15; ISA/INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL./Wikipédia, 2005-2018, p. 3) Em 1955, estão situados nos rios **Jamari**, **CANDEIAS** e **Branco** de acordo com o SPI e missionários salesianos. (HUGO, V., [1959] 1991, p. 259-61; LEÃO *et. al.* [2003] 2004, p. 57-9) No final de 1957 (HUGO, V., [1959] 1991, p. 259-60) esses missionários-sertanistas vão ao encontro dos [Ijxa]Karitiana e dois meses depois os encontram no rio **CANDEIAS** acima, *numa viagem cheia de peripécias*. (HUGO, V., [1959] 1991, p. 259-60) Neste mesmo ano de 1957, Antônio Moraes (ANTONIO MORAES./Wikipédia) é levado a Porto Velho com seu filho José Pereira, e os dois se tornam os primeiros [Ijxa]Karitiana batizados, conforme consta nos registros da Catedral da capital rondoniense. (VELDEN, F. F. V., [2003] 2004, p. 36 e p. 37; ISA/INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL./Wikipédia, 2005-2018, p. 4 e 36) *Os Caritiana (sic) (Ijxa-Karitiana), semi-selvagens (sic) ocupam quase toda a extensão do rio CANDEIAS e seus afluentes* (HUGO, V., [1959] 1991, p. 259). *Ainda em 1958, as malocas dos [Ijxa]Karitiana estão no médio rio CANDEIAS e são visitadas pelos missionários salesianos, que os encontram em quase toda a extensão do rio CANDEIAS, um território de ocupação permanente dos Caritiana ([Ijxa]Karitiana)*. Também em 1958, *o padre salesiano Angelo Spadari visita a comunidade [Ijxa]Karitiana*. (HUGO, V., [1959] 1991, V. II, p. 259-60; VELDEN, F. F. V., [2003] 2004, p. 15; LEÃO *et. al.* [2003] 2004, p. 57-9-65; ISA/INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL./Wikipédia, 2005-2018, p. 3) Como podemos observar, as ribeiras dos rios **Jamari**, **CANDEIAS** e **Branco** são, sem dúvidas, o espaço geográfico de ocupação mais tradicional do povo [Ijxa]Karitiana e o rio **CANDEIAS**, afluente do Jamari, o preferido dentre eles. *A partir do final da década de 40/60, os contatos entre os Caritianas/[Ijxa]Karitiana e os brancos (sic) (Padres Salesianos, SPI/FUNAI) vão ser estender de maneira crescente até os últimos anos da década de 60.*

FUNAI IMPÕE ÊXODO FORÇADO

Entre 1967-1969, *ainda mais ao poente, o Posto Indígena é instalado no alto rio das Garças e para lá a FUNAI*, de forma autoritária, *remove os Caritianas/[Ijxa]Karitiana, marcando em definitivo o sedentarismo – o confinamento - e fixação do grupo na região desse rio, uma área para*
Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.14, n. 4, p. 6-20, 2021

demarcação, que coincide com os limites do Posto Indígena. (LEÃO *et. al.* [2003] 2004, p. 60; VELDEN, F. F. V.,[2003] 2004, p. 15; ISA/INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL./Wikipédia, 2005-2018, p. 3) *Aparentemente*, alguns anos depois, o grupo, revoltado com as condições impróprias para a vivência e sobrevivência na região do rio das **Garças**, por iniciativa própria, *dirigem-se um pouco mais para o Oeste, vindo a ocupar o sítio atual, às margens do igarapé Sapoti*, a 90 km de Porto Velho. (LEÃO *et. al.* [2003] 2004, p. 60; VELDEN, F. F. V.,[2003] 2004, p. 15; ISA/INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL./Wikipédia, 2005-2018, p. 3) Ali instalam a *aldeia KYŌWÃ* ou aldeia **Central**, sem se conformar um dia sequer com o local para onde são impositivamente forçados a se deslocar, rio e igarapé exatamente contrários aos piscosos rio **Jamari, Branco** e, sobretudo, o **CANDEIAS**. De qualquer forma, a terra dos seus antepassados jamais é *completamente abandonada; ao contrário, tanto a História Oral quanto os documentos consultados demonstram a utilização permanente do rio CANDEIAS pelos [Ijxa]Karitiana* por dois motivos principais: 1º) a terra tradicional de seus antepassados é a que fica às margens dos rios **Jamari, Branco CANDEIAS** e seus afluentes etc.; 2º) nem o rio das **Garças** e muito menos o Igarapé **Sapoti** são piscosos, forçando os indígenas a percorrerem longas distâncias até a terra tradicional de seus pais, que *utilizam permanente para obter o seu sustento. De acordo com os informantes, os [Ijxa]Karitiana vão caçar e pescar além dos limites demarcados* já que, como já frisamos acima, as águas do rio das **Garças** e do igarapé **Sapoti** são *extremamente escassas de peixes.* (LEÃO *et. al.* [2003] 2004, p. 65)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este artigo tendo como objeto de estudo a “notável mobilidade resistencial” do povo [Ijxa]Karitiana no decorrer dos séculos XVIII, XIX e XX. Grande parte desse material bibliográfico foi retirado do livro “A Saga do Povo [Ijxa]Karitiana” com previsão de lançamento ainda antes do findar de 2021, artigo e compêndio sustentados no Projeto de Grupo de Pesquisa “**Narrativas do Linguajar Rondoniense**”. A partir daí, estabelecemos como objetivo demonstrar que, na realidade, essa mobilidade foi tão somente uma estratégia de RESISTÊNCIA ao poder dominador dos brancos (*sic*), que lhe causava terror, extermínio, semi-escravidão e sofrimento. A metodologia empregada para a elaboração do trabalho consistiu, em sua essência, na pesquisa

Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.14, n. 4, p. 6-20, 2021

exploratória, descritiva e explicativa e, por se tratar de material já elaborado encontrado em livros, relatórios, dissertação de mestrado e artigos científicos, utilizamos também a bibliográfica e, *ipso facto*, a documental. Ao final da pesquisa, concluímos, com base nos dados apresentados, que os [Ijxa]Karitiana, salvos do extermínio total por suas próprias forças, foram vencidos pela ganância e pelo poder (das armas de fogo, inclusive) do homem branco (*sic*), submetidos à migração forçada pelo Estado brasileiro para longe de sua terra tradicional onde, em poucos anos, constataram carência de proteína fluvial e silvestre. Todos esses acontecimentos somados alimentaram uma enorme melancolia pela perda da proto-pátria onde havia fartura de alimentos e vida confortável. Mas como sem esperança um grupo étnico não sobrevive, os [Ijxa]Karitiana sonham em retomar o território de onde foram desenraizados quase ao final da década de 60 do século passado.

QUO VADIS? ("PARA ONDE VAIS?")

Por que, afinal, a FUNAI impôs um êxodo forçado, que resultou em uma forma de vida sedentária e confinada, exatamente o oposto de seus dias edênicos nas ribeiras dos rios **Jamari, Branco e CANDEIAS**? O motivo será desvelado em um próximo artigo.

REFERÊNCIAS

ARARA: KARO./Wikipédia. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Karo>>. Acesso em: 15/11/2021.

ANTONIO MORAES./Wikipédia. Disponível em: <[https://www.google.com/search?q=H%C3%A1+cerca+de+tr%C3%AAs+gera%C3%A7%C3%B5es+\[por+volta+dos+anos+20+ou+30\],+Moraes,+um+prestigiado+1%C3%ADder+pol%C3%ADtico,+articulador+importante+-+depois+de+seu+pai,+Jo%C3%A3o+Capit%C3%A3o+-+do+estabelecimento+de+rela%C3%A7%C3%B5es](https://www.google.com/search?q=H%C3%A1+cerca+de+tr%C3%AAs+gera%C3%A7%C3%B5es+[por+volta+dos+anos+20+ou+30],+Moraes,+um+prestigiado+1%C3%ADder+pol%C3%ADtico,+articulador+importante+-+depois+de+seu+pai,+Jo%C3%A3o+Capit%C3%A3o+-+do+estabelecimento+de+rela%C3%A7%C3%B5es)>. Acesso em: 14/12/2021.

BACELAR, J. **História de Rondônia**./Wikipédia. Disponível em: <http://www.brasil-turismo.com/rondonia/historia.htm>. Acesso em: 28/12/2021.

BARBOZA, J. Vocabulário da língua ariquême organizado com o concurso do Capitão Naterebo (chefe da tribo). Colônia Indígena Rodolpho de Miranda no rio Jamari em 24 de Janeiro de 1927. **Arquivo do Museu do Índio**, Rio de Janeiro (mimeografado).



DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAÏSS, [2001] 2009.

ESTRADA DE FERRO MADEIRA MAMORÉ./Wikipédia. Disponível em:https://pt.wikipedia.org/wiki/Estrada_de_Ferro_Madeira-Mamor%C3%A9. Acesso em: 28/12/2021.

EXPULSÃO DOS JESUÍTAS./Wikipédia. Disponível em: pt.m.wikipedia.org. Acesso em: 15/11/2021.

GALBINI, R. *et. al.* Avaliação da situação Zoró-Aripuanã, Karitiana, Karipuna, Gavião, Arara (Karo), Uru-Eu-Wau-Wau e Uru-Pa. *In. Relatório III, v. 1 Brasília: Ministério do Interior – SUDECO/Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas* [Arquivo Histórico Clara Galvão) – FUNAI/Brasília, 1983. (mimeografado).

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.

HUGO, V. **Desbravadores**. V. I e II. Porto Velho/RO: Edição do Autor; Banco do Estado de Rondônia/BERON, 2 volumes, [1959] 1991.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro/RJ, 01/09/1996.

ISA/INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL./Wikipédia. Disponível em:<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Karitiana>. Acesso em: 10/10/2021.

KARIPUNA DE RONDÔNIA./Wikipédia. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Karipuna_de_Rond%C3%B4nia. Acesso em: 10/10/2021.

HISTÓRIA DE RONDÔNIA./Wikipédia.https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_de_Rond%C3%B4nia. Acesso em: 01/11/2021.

LEÃO, A. C. S. *et al.* **Estudo Socioeconômico sobre as Terras e Povos Indígenas Situados na Área de Influência dos Empreendimentos do rio MADEIRA - UHES JIRAU e SANTO ANTÔNIO. Diagnóstico Final e Avaliação de Impactos nas Terras Indígenas KARITIANA, KARIPUNA, LAGE, RIBEIRÃO e URU-EU-WAU-WAU - DIFAITI**. Brasília: S/ED., [2003] 2004. (versão eletrônica).

LINHA TELEGRÁFICA CUIABÁ-SANTO ANTÔNIO./Wikipédia. Disponível em:https://pt.wikipedia.org/wiki/Estrada_de_Ferro_Madeira-Mamor%C3%A9>/<<https://www.rondoniagora.com/artigos/marechal-rondon-a-comissao-das-linhas-telegraficas>. Acesso em: 15/11/2021.

LINHA TELEGRÁFICA CUIABÁ-SANTO ANTÔNIO./Wikipédia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Estrada_de_Ferro_Madeira-Mamor%C3%A9>/<<https://www.rondoniagora.com/artigos/marechal-rondon-a-comissao-das-linhas-telegraficas>. Acesso em: 15/11/2021.

Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.14, n. 4, p. 6-20, 2021



LINHARES, M. Y. (org.). **História geral do Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, [1990] 2000.

MARECHAL RONDON./Wikipédia. Disponível em: <https://www.rondoniagora.com/artigos/marechal-rondon-a-comissao-das-linhas-telegraficas>. Acesso em: 15/11/2021.

MEIRELES, D. M. **Populações indígenas e a ocupação histórica de Rondônia**. Cuiabá: UFM/PROEDI, [1983] 1984. (Monografia)

PERÍODO POMBALINO./InfoEscola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/periodo-pombalino/>. Acesso em: 15/11/2021.

PIB: RONDÔNIA./Wikipédia. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/noticia/93039>. Acesso em: 15/11/2021.

RODRIGUES, A. D. **Línguas brasileiras** – para conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

TEIXEIRA, M. A. & FONSECA, D. R. **História Regional: Rondônia**. Porto Velho: Rondoniana, [2001] 2002.

TODOS OS HOMENS SÃO LIVRES OU ESCRAVOS./Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Esclavid%C3%A3o>. Acesso em: 15/11/2021.

VELDEN, F. F. V. **Por onde o sangue circula: os Karitiana e a intervenção biomédica**. Campinas, SP: Unicamp, [2003] 2004. (Dissertação de Mestrado).

VIVEIROS, E. **Rondon conta a sua vida**. Rio de Janeiro: CCE, 1969.